Teurgia Ou A Prática Hermética

E. J. Langford Garstin

Teurgia, ou, A Prática Hermética

Uma Investigação sobre Alquimia Espiritual

"Theurgy, or, The Hermetic Practice"
A Treatise on Spiritual Alchemy



Escrito por:
Edward John Langford Garstin

Traduzido por:
Edpo Macedo

1930
LONDON : RIDER & CO.
Paternoster House, E.C.4
Printed in Great Britain at
THE MAYFLOWER PRESS, PLYMOUTH. WILLIAM BRENDON & SONS, Ltd.

Ηιεροσ Σεριεσ
ςολυμε Ι



ESTA É UMA PRÉVIA

Adquira o volume completo em:
http://loja.magistertempli.com/

ÍNDICE

Prefácio

O título escolhido para este breve tratado pode à primeira vista parecer muito ambicioso ou presunçoso, ou mesmo ambos. Alternativamente, pode ser considerado enganoso sobre o fundamento de que este não é realmente um manual prático.

Parece, portanto, aconselhável, desde o início, advertir o leitor pretendente que, nenhuma reivindicação é feita neste para qualquer conhecimento especial da Arte diferente dos quais podem ser adquiridos a partir do estudo aplicado das obras publicadas dos autores Alquímicos, e o uso de tais poderes de percepção e intuição a respeito de suas fraseologias reconhecidamente envolvidas e enigmáticas como o autor pode possuir.

Necessariamente diversos assuntos geralmente classificados sob o título geral do Ocultismo terão de ser considerados, e algumas observações preliminares no âmbito desta categoria não podem ser inadequadas.

Muitas pessoas afastam-se do Ocultismo por causa das associações indesejáveis em suas mentes com credulidade e superstição, neuroses e histeria, charlatanismo e fraudes, e porque elas estão acostumadas a considerar o que o resto genuíno deva ser deixado como fundado em indesejáveis e perigosas práticas.

Em consideração, no entanto, será encontrada a mesma impressão que prevalece in toto entre muitos a respeito do Espiritismo, e em parte sobre o Misticismo, enquanto as religiões ortodoxas não escapam completamente ilesas.

Não se pretende aqui ceder aos desejos da apologética em nome do Ocultismo, que, desvestem das ilusões mantidas sobre ele, perfeitamente capaz de falar por si mesmo aparentemente, e não requer nenhuma defesa. É apenas proposto discutir o que é denominado Teurgia, que é a parte prática da Alquimia Espiritual, na medida em que os limites do espaço e fuga das tecnicalidades indevidas permitirem.

Teurgia, definida um pouco mais cuidadosamente, significa "*A Ciência ou Arte das Obras Divinas*", e é o mesmo que Anagogia ou Trabalho de Aperfeiçoamento. Em Alquimia isto é chamado de "*Grande Obra*", que é a purificação e exaltação da natureza inferior através da aplicação correta dos princípios científicos, de modo que possam se tornar unidos com os seus homólogos superiores, através do qual o indivíduo pode alcançar o Espiritual, e finalmente, a Consciência Divina.

Fosse esta definição mais comumente reconhecida, é possível que haveria menos equívocos e menos incompreensões por parte dos adversários das Ciências Arcanas que existem atualmente, e que não haveria tanta condenação onde não houve investigações aplicadas anteriores.

Gostaríamos também de dizer uma palavra por meio de desculpas ao leitor, que pode sentir que temos feito um uso excessivo de citações. Nosso objetivo é duplo. Em primeiro lugar, que ninguém pode imaginar que eles têm de confiar apenas sobre as especulações de alguns amadores diletantes em Ciências Ocultas, mas que eles possam ver por si mesmos as fontes de que nossas conclusões são tiradas.

Em segundo lugar, porque nos sentimos incapazes de melhorar os dizeres desse escritores, salvo apenas por reunir as referências que não são meramente espalhadas através de suas várias obras, mas também, por sua própria confissão, colocadas muitas vezes fora de sua sequência e relacionamentos adequados mesmo em seus livros individuais. Passagens assim correlacionadas freqüentemente assumem novas importâncias, e delas, por vezes, a verdade emerge inesperada. Se tivermos conseguido em qualquer medida, assim, jogar luz sobre os ditos dos sábios, por pouco que seja, teremos mais do que alcançado nosso objetivo.

Capítulo I

Teurgia ou o Trabalho Telético[1], foi a própria essência do ensino das Escolas de Mistério do Egito, da Samotrácia e de Elêusis; de Zoroastro, de Mitra e de Orfeu. E no Egito, o berço de todos eles, foram iniciados muitos dos homens proeminentes de sua época, como Pitágoras, Platão, Demócrito, Eudoxo, Arquimedes, Crisipo, Eurípedes, Proclo, Thales e muitos outros.

Além disso, muitos dos Padres da Igreja, como Clemente de Alexandria, Cirilo e Sinésio, também foram iniciados nos Mistérios e os consideravam sagrados e eficazes, transferindo, em parte, a própria linguagem, ritos e disciplinas deles às suas próprias formas de culto, como é até hoje presente.

Proclo nos diz que "*O Rito Perfectivo conduz a maneira como a muesis[2] ou iniciação mística, e depois disso é a Epoptéia[3] ou contemplação".*

Platão chama a Mágica Zoroastra "*O Serviço dos Deuses*", e Psellos afirma que "*Sua função é iniciar ou aperfeiçoar a alma humana pelo poder dos materiais aqui na terra, para a faculdade suprema da alma que não pode por sua própria orientação aspirar as sublimes intuições, e, para a compreensão da Divindade".*

Clemente de Alexandria faz alusão aos Mistérios como Bem-aventurados e diz: *"Oh, Mistérios verdadeiramente sagrados! Oh, pura luz! Na luz dos archotes o véu que cobre a Divindade e os Ceus caem. Eu sou Santo agora que eu sou iniciado".* Enquanto Sinésio, falando em termos alquímicos, declara que *"a Quintessência é outra senão nossa viscosa, celestial e gloriosa alma, elaborada a partir do seu extrato pelo nosso magistério".*

Nem são os falecidos alunos e mestres da arte, afamados por terem compreendido entre si homens como Apolônio de Tiana, Alberto Magno, Roger Bacon, Paracelso, Arnaldo de Villa Nova, Pico della Mirandola, Tritêmio, Boehme, Cornelius Agrippa e muitos outros.

Mas, deixamos o aspecto histórico, que, embora interessante, é relativamente sem importância, e vamos ao nosso assunto. Teurgia é intimimanete associada com a Religião; é, de fato, a sua verdadeira essência; pois em investigação descobrimos que sob as formas alegóricas e exotéricas de todas as doutrinas antigas, e cuidadosamente oculta dentro de todos os seus escritos sagrados, há um princípio fundamental que é em todos os casos o mesmo, mas ainda está invariavelmente escondido de uma forma ou de outra.

Este ensinamento central lida com o renascimento, ou o nascimento superior, e, se formos a acreditar nos registros da antiguidade, é, e sempre foi, um corpo definido de ensino científico sobre o assunto, o conhecimento de que, embora ciosamente guardado, nunca foi negado ao candidato genuíno e sério.

Infelizmente, as limitações mentais e espirituais da maior parte da humanidade ao longo dos tempos, sempre impediu o ensino público desta ciência, e exigiu a manutenção do mais estrito sigilo, o conhecimento que está sendo invariavelmente dado em uma linguagem envolvida, complicada e invejosa de símbolos e alegorias.

Este é, naturalmente, uma constante fonte de incômodo para muitas pessoas hoje, que se declaram como sendo opostas ao princípio a que chamam de "segredo artificial" em qualquer figura ou forma; e para um número ainda maior, que, desprovidos de quaisquer princípios específicos, são

decididamente avessos a tomarem para si o trabalho necessário, mas desejam uma exposição clara na forma "popular".

Como Sra. Arwood, em sua *Investigação Sugestiva*, muito sucintamente coloca: "*Sem tais iscas sedutoras para indolência, podem ser encontrados no frontispício da escola de meia-idade de filosofia; sem tais simplificações da ciência como temos ouvido agora são pertencentes a Alquimia. É verdade, são Revelações, Entradas Abertas, Novas Luzes e Verdadeiras Luzes, Luz do Sol e Luz da Lua, com outras Auroras e Amanheceres retratados; Manuais, Léxicos Introdutórios de termos obscuros, com significados não menos obscurecidos; Carruagens Triunfais também. Bandeiras, Portões, Chaves e Guias, também, sem número, todos dirigindo na mesma Estrada Real quando este é encontrado; mas inútil para a maioria dos peregrinos; nada que observamos de jeito e maneira adequou-se aos significados e gostos da classe milionária de leitores, cujas compreensões, como a de filhos mimados, cresceram flácidas; e pelo excesso de objetos de ensino, se esqueceu de como pensar".*

Quanto à reclamação dos outros, é difícil entender o que se entende por "*sigilo artificial*", a menos que signifique fazer um segredo do nada, ou fingir ter alguma informação secreta, quando de fato não se tem nenhuma — uma carga que já é há muito tempo estabelecida injustamente contra os Alquimistas. Se este é o sentido da frase, não podemos senão concorcar de todo coração, mas se ela significa a retenção deliberada de um certo conhecimento das massas, então depende inteiramente das razões que podem ser dadas para o sigilo, a esse respeito o termo "*artificial*" é justificável.

Agora, se o objeto da Teurgia e Alquimia Espiritual é somente a purificação e exaltação da Alma, pode-se argumentar que tal conhecimento deve ser transmitido e não obscurecido; que é, obviamente, para o bem da humanidade, e que, ocultá-lo é virtualmente penal.

Mas é preciso lembrar que aquilo que se propõe é um método de desenvolvimento acelerado da Alma por uma ré de cultura intensiva, como é afirmado em muitos lugares; e parece que há razões de sobra para aqueles que estavam em posse dos conhecimentos necessários serem cautelosos em transmití-los. E estas razões, quando nós as examinamos, devem aplicar-se igualmente à força hoje para aqueles que, caso estes existam, que são os guardiões do segredo.

Para a prática desta arte, abrem-se possibilidades muito perigosas, envolvendo, como é dito para fazer, uma compreensão do funcionamento e aplicação de certas forças misteriosas da natureza, comumente chamadas de mágicas.

Agora, mágica é um termo puramente relativo, a magia da antiguidade, ou parte dela, sendo do conhecimento comum de hoje. Mas o conhecimento é poder, e poder sempre pode ser usado de suas maneiras, para o bem ou para o mal. Temos apenas que olhar à nossa volta para ver os resultados chocantes de uma divulgação insensata do conhecimento, vendo que o homem é quase sempre tentado, e quase que invariavelmente sucumbe à tentação de usar seu conhecimento para fins exclusivamente pessoais e materiais, e muitas vezes para a destruição. Razão pela qual isto pode muito bem ser apresentado de que há pelo menos um excelente *fumus boni juris* para sigilo.

Isto de qualquer maneira foi a convicção dos Alquimistas, como testemunha o rifão de Raimundo Lullo, "*Eu juro-te sob minha alma que tu és maldito se revelar essas coisas. Pois toda virtude procede de Deus e somente para Ele é devido. Portanto tu reservarás e guardarás segredo daqulo que somente Deus deve revelar, e tu afirmarás e reterás as coisas cuja revelação é para Sua honra. Pois, se revelares em poucas palavras aquilo que Deus tem formado a muito tempo, tu deverás ser condenado no grande dia do julgamento como um traidor da majestade de Deus, nem tu nem tua traição devem ser perdoados. Pois a revelação de tais coisas pertencem a Deus e não ao homem".*

Justificado ou não, no entanto, o segredo existe, e pode muito bem ser exigido onde pistas podem ser a melhor pedida, que pode ser seguido na busca por essa sabedoria zelosamente guardada.

A resposta parece ser a de que tais indícios podem ser encontrados em quase qualquer lugar nos escritos religiosos, filosóficos e místicos, quer do Oriente ou do Ocidente, mas que provavelmente virá com mais facilidade para a maioria dos Ocidentais que tomarem o Egípcio, Semita e Grego, e não os sistemas Orientais. Por esta razão, portanto, um estudo de determinados livros da Bíblia, especialmente o Pentateuco, Salomão, Jó, Ezequiel, os Evangelhos, as Epístolas de São Paulo e o Apocalipse de São João, será encontrado produtivo, especialmente se o aluno for auxiliado por alguns conhecimentos da Qabalah, que é a grande chave para sua compreensão. Entre os livros não-canônicos Enoque e Sabedoria são úteis, e além destes escritos semitas, o chamado Livro Egípcio dos Mortos, as obras de muitos dos Filósofos Gregos, os fragmentos Gnósticos e Herméticos, exposições dos Mistérios, especialmente Iamblico, e quase todos os escritores Alquímicos, estão cheios de iluminação.

Das três fontes mencionadas acima, Egípcia, Semita e Grega, a primeira é, sem dúvida a mais antiga, mas o Egito deixou poucos vestígios para nós. Os Judeus derivam seu conhecimento deles principalmente através de Moisés, o que quer que eles possam ter adotado posteriormente da Caldéia, Babilônia e outras fontes, e que mesmo os Gregos obtiveram muito de suas inspirações e conhecimentos reais das suas Escolas de Mistério.

Assim, portanto, é que a Qabalah, a tradição Mística Judaica, que foi transmitida oralmente durante séculos, e não foi escrita até uma data ainda indeterminada de nossa época, constitui uma das principais chaves, não apenas para as Escrituras Judaicas e Cristãs, mas a todas as outras fontes já mencionadas, pois a linguagem do símbolo e alegoria é uma linguagem universal, e o estudante vai observar por si mesmo que muitos dos escritores Alquímicos foram declarados Qabalistas.

Como, porém, a Qabalah é um assunto altamente técnico, e como é proposto evitar tecnicismos tanto quando puder, alusões diretas a ela serão dadas o mínimo possível nas páginas que se seguem.

Com toda a massa de pistas que nos cercam por toda parte, quando começamos a olhar seriamente para elas, é difícil saber onde fazer um começo, pois rever todos eles tomariam volumes. Ainda assim, como a ciência dos antigos era uma ciência casual e fundamentada em pressupostos universais para particulares, será melhor apanhar algum símbolo do Universo, e em seguida buscar sua contraparte em nós mesmos, através da qual podemos vislumbrar alguma idéia do que era para ser alcançado, e depois tomar alguma outra pista, que pode nos levar a uma compreensão de como era para ser feito.

No entanto, como nossa busca é interessada principalmente com a Alma, vamos em primeiro lugar nos dedicar a uma reflexão sobre algumas das posições detidas pelos antigos quanto a ela.

---

[1] **Telética**: Tendência ou aspiração para um fim de superação material, espiritual e moral, constantemente renovado pelo poder psicodinâmico do espírito.
[2] **Muesis**: Do Grego μυεσισ, de μυο muo, velar - O último ato nos Mistérios menores, ου τελεται teletai, denotando a separação do iniciado da vida exotérica anterior - o velamento [muesis] dos olhos para o exterior como expressão do ser velado a partir da antiga vida.
[3] **Epoptéia**: Do Grego Antigo ἐποπτεία (epopteia). O rito final de iniciação nos Mistérios de Elêusis. Estado de consciência possível de contactar o Saber, o Divino.

Teurgia, ou, A Prática Hermética

Uma Investigação sobre Alquimia Espiritual

Ηιεροσ Σεριεσ – ςολυμε I

Teurgia significa "*a ciência ou a arte das obras divinas*". Na alquimia, este processo é chamado de "*Grande Obra*", que é a purificação e exaltação da nossa natureza "*inferior*" através da correta aplicação dos princípios esotéricos, de modo que possa se unir com seus homólogos superiores, pelo qual podemos alcançar a consciência espiritual, e, em última instância, divina.

Com base nos ensinamentos dos Egípcios, Gregos, escolas de mistério Hebraicas, e citando extensivamente importantes escritores alquímicos, Garstin detalha este processo de purificação. Os alunos que estão curiosos sobre a alquimia, mas assustados com o corpo de literatura e suas estranhas alegorias vão encontrar neste livro uma excelente introdução.

Garstin discute obras de origem alquímica e explica claramente o que seu simbolismo esotérico significa. Com as informações deste livro, os aspirantes da alquimia poderão então proceder uma exploração melhores informados sobre as obras de alquimia e outros escritos das Tradições de Mistério Ocidentais.

